

Kelem Ghellere Rosso
Rhayssa Gonçalves Vieira

**9º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**
GT 16: CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA

**ESCOLA E JUVENTUDE: O MOVIMENTO HIP-HOP COMO FERRAMENTA DE
FORMAÇÃO SOCIAL**

São Paulo/SP
2025



ESCOLA E JUVENTUDE: O MOVIMENTO HIP-HOP COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO SOCIAL

Kelem Ghellere Rosso¹
Rhayssa Gonçalves Vieira²

RESUMO

Este trabalho investiga o movimento Hip-Hop como ferramenta pedagógica no contexto escolar, analisando seu potencial para promover pertencimento, identidade e cidadania entre jovens. A pesquisa integra o projeto “Ensino de Sociologia e escola: a condição juvenil no centro do debate”, desenvolvido no âmbito do Instituto Federal do Paraná, e foca na experiência do Festival de Arte Estudantil (FERA), promovido pela SEED-PR entre 2004 e 2010. O festival consolidou-se como espaço de expressão das juventudes do estado do Paraná, incluindo manifestações como rap, grafite e breaking, que dialogam com questões sociais como desigualdade, racismo e marginalização. A partir de entrevistas com educadores que participaram do evento, o estudo busca compreender como o Hip-Hop influenciou a relação dos estudantes com a escola e sua formação social. Fundamentado na Pedagogia das Juventudes, no multiculturalismo crítico e na educação popular, o trabalho reconhece os jovens como sujeitos de direitos e produtores de saberes. Espera-se evidenciar que o Hip-Hop pode ser um elo entre os saberes escolares e as vivências juvenis, contribuindo para práticas educativas mais plurais, críticas e inclusivas. Além disso, a pesquisa visa estimular a formulação de políticas educacionais que reconheçam e valorizem as expressões culturais marginalizadas como estratégias legítimas de formação social.

Palavras-chave: Juventude; Movimento Hip-Hop; Resistência Cultural; Identidade; Escola.

Às professoras Silvaneide Monteiro Andrade
e Rosane Maria Bobato (*in memoriam*)

¹ Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Instituto Federal do Paraná (IFPR - Campus Paranaguá) | Doutora em Sociologia pela UFPR | Mulher Cisgênero, Branca | Curitiba - PR | kelem.rosso@ifpr.edu.br;

² Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Instituto Federal do Paraná (IFPR - Campus Paranaguá) | Mulher Cisgênero, Branca | Paranaguá - PR | rhayssagoncalves11@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A instituição escolar desempenha um papel fundamental na formação dos sujeitos juvenis, indo além da simples transmissão de conteúdos e constituindo-se como um espaço privilegiado para a construção de identidades e o desenvolvimento de pertencimentos. Conforme apontam Dayrell e Carrano (2014, p. 149), “o Ensino Médio é uma etapa de formação não apenas intelectual-cognitiva, mas também um momento de construção de identidades e de pertencimentos a grupos distintos [...]”. O ensino de Sociologia, nesse contexto, tem o potencial de aproximar os estudantes das questões sociais que os afetam diretamente. Uma dessas conexões se dá por meio da cultura Hip-Hop, um movimento que surgiu como uma forma de resistência e expressão das juventudes periféricas. Suas manifestações artísticas - como a música, o grafite e a dança - em geral, abordam desigualdades, racismo e marginalização, dialogando com conceitos sociológicos fundamentais.

O trabalho que aqui apresentamos integra o projeto “Ensino de Sociologia e escola: a condição juvenil no centro do debate”³, no âmbito do Instituto Federal do Paraná (IFPR), que busca analisar como essas questões emergem e se manifestam na instituição escolar no litoral do Paraná, propondo-se a investigar a relação entre juventude, escola e movimento Hip-Hop. A partir da pesquisa com o Grupo Fênix, fundado em Paranaguá e dedicado às danças urbanas, identificamos a intrínseca relação entre o espaço escolar e a formação de coletivos relacionados aos componentes do Hip-Hop e o intercâmbio de saberes e conhecimentos entre seus integrantes e referências do movimento de outras cidades/regiões. Nesse sentido, o Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA), promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR) entre 2004 e 2010⁴, foi constantemente citado como um dos principais eventos articuladores do movimento Hip-Hop na região, mostrando-se ainda muito vivo na memória daqueles que dele participaram. O evento que se consolidou como um dos principais espaços de expressão artística da

³ O projeto foi contemplado com recursos da Fundação Araucária/PR por meio de cota de bolsa de Iniciação Científica.

⁴ O FERA era um evento anual, com a participação de representação estudantil de todas os Núcleos Regionais de Educação da Secretaria de Estado da Educação, e que ocorria de forma concentrada, elegendo um município-sede por edição. O primeiro deles foi justamente Paranaguá/PR, onde desenvolvemos a pesquisa. Aqui consideramos também o evento “FERA com Ciência”, que era a junção do FERA com a mostra de ciências “Educação com Ciência”, realizado no mesmo intervalo de tempo, mas com edições por regional.

rede pública, incorporava múltiplas linguagens culturais e se tornou um palco relevante para a difusão do Hip-Hop no contexto escolar, abrindo espaço para que as juventudes expressassem suas vivências por meio do *rap*, das danças urbanas e do grafite. Por conta disso, esta pesquisa, em específico, tem como objetivo analisar como a presença do Hip-Hop no espaço escolar, enquanto expressão de resistência, pode contribuir para a ressignificação da relação entre a juventude e a escola e influenciar a percepção dos jovens sobre identidade, cidadania e pertencimento.

Nosso campo de pesquisa é composto por escolas da rede de educação básica do estado, que estiveram articuladas na construção do FERA e integradas ao Núcleo Regional de Educação de Paranaguá. Ao verificar a escassez de análises e, até mesmo, de materiais informativos sobre o Festival, recorreremos a técnicas de pesquisa que pudessem auxiliar a recuperar a memória dessa experiência pela perspectiva daqueles que participaram diretamente da sua construção nas unidades escolares. Para esta etapa do trabalho, iniciada em março de 2025, e em andamento, foram entrevistados profissionais da educação que atuaram na organização do evento e que seguem lotados em instituições da rede pública estadual. Até o momento, dois professores foram entrevistados: uma docente de Educação Física, a professora Regina Kuvada, e um de História, o professor Hermes Goldenstein Júnior⁵, ambos com vivência concreta na implementação e coordenação de atividades vinculadas ao festival.

O contato inicial com os entrevistados foi possível por meio da rede de contatos dos integrantes do Grupo Fênix, já mencionado, citados por eles como referências na articulação e construção do FERA nas escolas da região. A comunicação foi estabelecida por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp, utilizando-se os números fornecidos voluntariamente; por essa plataforma, foi realizada a apresentação da pesquisa, o convite à participação e o agendamento das entrevistas. As entrevistas foram classificadas como do tipo semiestruturada⁶, guiadas por um roteiro previamente elaborado a partir das categorias analíticas centrais da pesquisa - juventude, pertencimento, cultura Hip-Hop, currículo e escola - e foi estruturada em quatro blocos: (1) processo de participação no FERA; (2) relação juventude, escola e cultura, (3) aprendizados do FERA, (4) educação e arte

⁵ Em acordo com os entrevistados, os nomes originais foram mantidos.

⁶ Conforme Minayo (2016, p.59), entendemos entrevista semiestruturada como aquela “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

como estratégias de formação social e (5) considerações sobre o impacto do FERA no vínculo entre estudantes e escola.

Durante as entrevistas, as perguntas foram adaptadas conforme o andamento das conversas, permitindo que os sujeitos desenvolvessem livremente seus relatos; essa flexibilidade possibilitou o aprofundamento de temas emergentes, contribuindo para uma escuta mais sensível e conectada às experiências vividas.

A análise foi realizada à luz dos aportes teóricos inspirados nas propostas da Pedagogia das Juventudes (NONATO e DAYRELL, 2016), da Pedagogia do Hip-Hop (CARRANZA, SIQUEIRA e SILVA, 2017; DIAS, 2018; FONSECA, 2021), que, por sua vez, articulam a perspectiva interculturalista (CANDAU, 2008), amparada no multiculturalismo crítico, e da educação popular (FREIRE, 1987), compreendendo os jovens como sujeitos de direitos e produtores de saberes, cujas experiências culturais devem ser reconhecidas como ferramentas de formação social.

1. Juventude: condição social, cultura e currículo

Neste trabalho, trataremos especialmente da juventude periférica urbana, marcada pela exclusão social, pelo racismo estrutural e pela negligência histórica do Estado. Essa juventude encontra no Hip-Hop uma forma legítima de expressão, resistência e produção de sentido. O recorte não é arbitrário: ele emerge do interesse em compreender como determinadas expressões culturais juvenis, tradicionalmente marginalizadas, podem se constituir como práticas pedagógicas que propiciem a formação social no espaço escolar. Essa juventude, longe de ser passiva, articula formas de luta e de pertencimento que desafiam o modelo hegemônico de escolarização.

Entender a juventude enquanto categoria social permite-nos superar a ideia que a limita à uma etapa natural e universal do desenvolvimento humano, e considerar sua construção sócio-histórica, portanto, que perpassada por múltiplas determinações: “De um lado, há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida” (NONATO, DAYRELL, 2016). De acordo com Luiz Antônio Groppo (2017), juventude é uma condição que se manifesta de maneira distinta conforme os contextos sociais, culturais e econômicos em que os sujeitos estão inseridos. Tal concepção problematiza as

abordagens que reduzem os jovens a uma “fase de transição” entre a infância e a vida adulta, reconhecendo-os como cidadãos, dotados de agência e produtores de cultura.

A concepção dialética da juventude, conforme desenvolvida por Groppo (2017), reconhece a simultaneidade de potencialidades e vulnerabilidades vividas pelos jovens. Tal perspectiva permite compreender a juventude como categoria contraditória: ao mesmo tempo em que é o tempo da possibilidade, da criatividade e da esperança, é também o tempo de maior vulnerabilidade às opressões, às incertezas e instabilidade, bem como à violência. Essa dialética se expressa com especial intensidade na escola pública brasileira, espaço onde as juventudes periféricas experimentam tanto o disciplinamento quanto a criação de novos significados, como nos lembram Dayrell e Carrano (2014).

O ensino médio tem se tornado, nas últimas décadas, o palco principal dessa tensão. A escola, cada vez mais pressionada por lógicas tecnocráticas e avaliações padronizadas⁷, encontra dificuldades em dialogar com as demandas, linguagens e afetos dos jovens. Por isso também, o interesse desta pesquisa em recuperar experiências como o FERA, que acolhem a arte, a cultura e as narrativas das juventudes, revelam possibilidades de construção de currículos articulados com a diversidade cultural e comprometidos com o processo de democratização da sociedade. Concepção que tem como princípio, o que Dayrell e Carrano (2014) definem como compreender “quem é esse aluno que chega à escola”, e que exige reconhecer o jovem como sujeito de direitos e produtor de cultura, em contraposição à sua habitual redução à condição de aluno desinteressado e indisciplinado.

Como argumenta Viana (2014), as estéticas juvenis - como a música, a dança, o grafite - não são apenas expressões artísticas, mas saberes incorporados, experiências corporificadas que tensionam os limites do currículo tradicional. Incorporar tais expressões no espaço escolar implica reconhecer que a formação dos sujeitos não se dá apenas nos conteúdos disciplinares, mas também na possibilidade de experienciar a escola como espaço de pertencimento, autoria e escuta. Isso exige, entre outras coisas, a reinvenção do currículo a partir do diálogo com os sujeitos que o vivenciam.

⁷ Em especial a partir da aprovação da reforma do ensino médio (Lei n. 13.415, de 2017) e da instituição do projeto de militarização das escolas públicas (Decreto n. 10.004, de 2019).

Trabalhar com juventudes, portanto, é assumir o desafio de construir uma escola que se reconheça como território de disputas simbólicas e políticas. É entender que o jovem não é apenas destinatário, mas protagonista de uma pedagogia que se faz no cotidiano, nas trocas, nos embates e nas resistências. No contexto deste estudo, a cultura Hip-Hop emerge como mediação privilegiada para aproximar escola e juventude, permitindo-lhes afirmar suas identidades e acessar formas mais amplas de cidadania e emancipação.

2. A pedagogia Hip-Hop na prática escolar: vozes da experiência docente

A pedagogia Hip-Hop tem se consolidado como uma abordagem educacional crítica, articulando arte, cultura e conscientização social. Utilizada como ferramenta pedagógica, ela permite promover o engajamento político dos jovens, fortalecer a luta antirracista e o direito à expressão das periferias. Segundo Fonseca (2021), essa pedagogia possibilita uma educação mais conectada à realidade da juventude periférica, indo além de eventos pontuais com *rappers* e se estabelecendo como uma metodologia contínua de ensino-aprendizagem e transformação social.

Essa perspectiva se materializa na experiência vivida de educadores que participaram de espaços pedagógicos comprometidos com o protagonismo juvenil, como o FERA e FERA com Ciência. As entrevistas com os professores Hermes e Regina revelam como o Hip-Hop foi incorporado ao cotidiano escolar, gerando impactos significativos na formação dos estudantes, no fortalecimento da identidade cultural e no reconhecimento dos saberes considerados periféricos.

Para o professor Hermes, a cultura Hip-Hop é compreendida como uma forma abrangente de expressão e resistência. Ele relata que, em sua escola, localizada em uma região periférica de Paranaguá, havia uma cena Hip-Hop muito presente, com grupos de *rap* e de dança que atuavam ativamente dentro da escola. Segundo ele, essas manifestações não foram apenas acolhidas, mas potencializadas e reconhecidas, tornando-se parte integrante da formação dos alunos. Como afirma: “O Hip-Hop não é apenas uma dança ou uma música, ele é uma cultura” (Goldenstein Júnior, 2025), e compara à capoeira, enfatizando seu caráter formativo e a capacidade de mobilizar a juventude para a reflexão, o fortalecimento da autoestima e o reconhecimento de sua própria história.

Essa visão está alinhada à proposta de Dias (2018), que concebe o corpo negro periférico como portador de uma afromemória. A dança *breaking*, por exemplo, é interpretada como um ato pedagógico que inscreve no corpo experiências de resistência e reexistência. Os relatos de Hermes ilustram como os jovens que participavam dessas práticas artísticas se tornavam mais maduros e conscientes de sua realidade. Ele observa que alguns egressos retornaram à escola como oficinairos, multiplicando saberes e formando novas gerações. “Você via eles voltarem como oficinairos, formando uma segunda geração [...]” (Goldenstein Júnior, 2025). Esse ciclo formativo evidencia a pedagogia Hip-Hop como uma metodologia de longa duração, conectada à vida e à comunidade.

A professora Regina também compartilha experiências significativas relacionadas à presença do Hip-Hop e da arte no ambiente escolar. Atuando como oficinaira em diversos municípios da região litorânea, ela relata que os estudantes demonstravam entusiasmo e surpresa ao se depararem com novas formas de expressão corporal: “Nossa, olha o que eu consigo produzir com o meu corpo!” (Kuvada, 2025). Essa descoberta não apenas ampliava a autoestima dos alunos, mas também os fazia perceber que o corpo também é linguagem, que comunica e produz conhecimento, mesmo fora da norma culta ou dos padrões impostos pelas avaliações.

A professora Regina destaca ainda que, ao envolverem-se com projetos como o FERA e os “Ferinhas”⁸, os estudantes passavam a desenvolver um sentimento de pertencimento e orgulho em relação à escola. Ela afirma que muitos alunos passaram a enxergar a escola como um espaço de realização e expressão pessoal. “Ver o nome da sua escola ali, nas redes sociais, numa publicação, daria uma sensação ainda mais forte de pertencimento. A gente sente que fez parte daquilo” (Kuvada, 2025). A participação em eventos intermunicipais e a possibilidade de se apresentar publicamente mobilizavam os jovens, inclusive aqueles que tradicionalmente não se destacavam nas disciplinas “convencionais”. Esse aspecto é essencial para compreendermos a pedagogia Hip-Hop como promotora de uma educação mais democrática e inclusiva, que valoriza diferentes formas de saber.

Assim como Oliveira (2011) e Frederico (2013), que já haviam apontado o potencial crítico do rap e da cultura das periferias na formação juvenil, os

⁸ O “Ferinha” era realizado nos moldes do FERA, com a oferta de oficinas e atividades culturais nas escolas, uma iniciativa que partiu da preocupação de atingir aqueles estudantes que não foram contemplados com vagas para participar do evento estadual.

depoimentos dos professores mostram que, na prática, isso se realiza também quando a escola se abre para o diálogo com as culturas juvenis. Hermes é categórico ao afirmar: “Manifestações como o Hip-Hop, a capoeira, o funk... não precisam pedir pra abrir espaço porque isso faz parte da cultura dos alunos. Elas vão chegar, elas estão dentro da escola” (Goldenstein Júnior, 2025). A função da escola, nesse contexto, é reconhecer e acolher essas expressões como saberes legítimos, que podem ser mobilizados pedagogicamente.

Os relatos reforçam que a pedagogia Hip-Hop é também uma forma de resistência frente à crescente plataformização e tecnocratização da educação⁹. O professor Hermes critica o atual modelo de ensino baseado em métricas e respostas padronizadas: “Hoje, dentro do estado do Paraná, nós não formamos alunos, nós formamos crianças que respondem questionários de múltipla escolha” (Goldenstein Júnior, 2025). Em contraposição, ele defende uma formação humana e cultural, que estimule a criatividade, a expressão e o pensamento crítico. A professora Regina, por sua vez, lamenta a falta de espaço para projetos como o FERA no modelo atual de educação: “Não tem como dizer que isso não faz diferença na vida do educando” (Kuvada, 2025).

Dessa forma, a partir das vozes de professores que viveram a experiência da pedagogia Hip-Hop em seu cotidiano, entende-se que seu significado vai muito além de uma atividade complementar. Trata-se de uma prática pedagógica viva, enraizada nas vivências da juventude, comprometida com a transformação social e com a afirmação das identidades periféricas. Em tempos de retrocessos e desumanização da escola pública, a pedagogia Hip-Hop aponta como forma de reexistir, educar e resistir.

2.1. O FERA como espaço de ruptura e legitimidade

Os relatos dos professores entrevistados evidenciam que o FERA e o FERA com Ciência representaram, assim, mais do que eventos escolares, foram momentos de ruptura simbólica e estrutural com a lógica tradicional da escola. Esses projetos ressignificam o espaço educativo, rompendo com a rotina disciplinar

⁹ Sobre esse processo, ver: BARBOSA, Renata P.; ALVES, Natália. A Reforma do Ensino Médio e a Plataformização da Educação: expansão da privatização e padronização dos processos pedagógicos. **e-Curriculum**. v. 21, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/61619>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

e transformando a escola em um palco de manifestações culturais e pedagógicas que extrapolaram os seus próprios muros e possibilitaram a formação de vínculos de novo tipo na relação estudantes-professor:

No FERA, achei fantástico observar a forma como professores e alunos se integravam. Deixava de existir aquela rigidez formal da sala de aula. Era visível essa relação mais próxima: o professor passava com um grupo de estudantes atrás, como se fossem filhotes acompanhando. Era um momento em que vínculos reais eram criados entre educadores e estudantes. Tenho certeza de que surgiram amizades ali. Quando estávamos naquele ambiente, contando a história de Paranaguá, era possível perceber esses laços se formando. (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025)

O professor Hermes descreve também a grandiosidade do evento ocorrido em Paranaguá, ressaltando seu impacto tanto na organização física quanto na dimensão simbólica do espaço escolar:

Eu acredito assim, foi bem impactante no sentido de você ver essas escolas, essas pessoas unidas naquele processo e também a forma como aquilo se conectava [...] eles pegam ali toda aquela área da Igreja do Rocío, da Praça da Fé, e eles transformam aquilo ali em estandes, você tinha tendas montadas em uma estrutura imensa dentro do lugar e a gente não tinha noção do que ia realmente acontecer. (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025)

Essa descrição demonstra como o FERA extrapolou os limites da escola tradicional, ocupando espaços públicos e tornando-se um verdadeiro festival de culturas e saberes. A mobilização em diferentes municípios e regiões, reforça a dimensão territorial do evento. Nesse sentido, o FERA não apenas promovia o protagonismo juvenil, mas também construía uma educação que se expandia para além da sala de aula, assumindo as ruas, praças e centros históricos como territórios educativos.

Essa proposta se alinha ao que Candau (2008) a partir da concepção de multiculturalismo crítico, defendendo que a diversidade cultural deve atravessar as práticas institucionais e curriculares de forma concreta, e não apenas discursiva. Quando a escola se abre para os saberes populares e as expressões culturais dos estudantes, ela se transforma em espaço de legitimidade e acolhimento, rompendo com a lógica homogeneizadora e eurocêntrica.

Além disso, a experiência do FERA, era construída com intensa articulação entre professores, artistas locais e a comunidade escolar. Essa articulação entre

escola e cidade demonstra a potencialidade de uma educação que se constrói a partir do território. O FERA, ao envolver transporte, oficinas, apresentações culturais, shows e palestras, quebrava a rigidez da estrutura escolar, promovendo vivências interdisciplinares e coletivas.

A professora Regina, por sua vez, também destaca como o FERA ressignificou a relação dos estudantes com o ambiente escolar e o mundo externo:

Talvez por causa da divulgação — 'vai aparecer na televisão', ou 'a apresentação vai ser em outra cidade' —, mas o fato é que muitos alunos começaram a se interessar mais. [...] A experiência de sair do seu espaço habitual é algo muito marcante. [...] Quando surgiu algo que quebrava essa rotina, foi muito especial. (KUVADA, 2025).

Esse movimento de sair do lugar comum, de romper com a rotina repetitiva e fechada na escola, representa um gesto pedagógico que amplia os horizontes dos estudantes e legitima seus saberes e suas vivências. Portanto, ao se tornar um festival de cultura, o FERA representou uma prática multicultural concreta, em que diferentes linguagens puderam se expressar e dialogar. Essa experiência se apresenta como um exemplo de como as práticas pedagógicas podem — e devem — se abrir à escuta das vozes das periferias e das juventudes, reafirmando seu lugar na construção de uma educação mais plural, sensível e comprometida com a transformação social.

2.2. Percepções sobre o Hip-Hop: do estranhamento ao reconhecimento pedagógico

O FERA possibilitou também um processo significativo de transformação na forma como o Hip-Hop era compreendido dentro da escola. Longe de ser visto apenas como uma expressão musical ou corporal, o Hip-Hop foi reconhecido por esses educadores como uma cultura integral, dotada de um papel formativo complexo e profundo.

O professor Hermes é enfático ao afirmar o valor educativo do Hip-Hop; para ele, essa manifestação não pode ser reduzida a um elemento estético ou performático, mas deve ser entendida como um campo cultural completo:

Eu tenho certeza de que o Hip-Hop tem um papel formativo dentro da escola, e posso explicar: ele é uma cultura. Não é apenas dança ou música. Ele se aproxima muito da capoeira nesse sentido. A capoeira não se limita à apresentação ou à luta; ela envolve todo um contexto, como vemos no

trabalho do Olodum na Bahia. Você vai aprender a tocar um instrumento, mas também terá uma aula sobre cultura afro, vai fazer reforço escolar — tudo integrado. O Hip-Hop tem essa mesma característica. (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025)

Essa compreensão do Hip-Hop está em sintonia com os princípios teóricos de Carranza, Siqueira e Silva (2017), para quem o movimento Hip-Hop constitui uma pedagogia viva, que atua tanto em espaços formais quanto não formais, sendo capaz de produzir sentidos, identidades e resistências. O professor Hermes reforça essa ideia ao descrever como os jovens, ao se envolverem com o Hip-Hop, passaram a expressar suas subjetividades e enfrentar os seus próprios desafios:

Vi isso, por exemplo, com a geração do Marlon e do Thiago (do grupo Fênix), que foi uma primeira geração. Depois, eles voltaram como oficinairos, formando uma segunda geração. E muitos dos alunos que eles atendiam tinham problemas seríssimos. Através do Hip-Hop, encontravam caminhos, soluções. Esses alunos se tornavam mais sociáveis, conseguiam se empoderar a ponto de dizer que estavam passando por dificuldades. A expressão artística permite que a criança saia do seu claustro, do seu ostracismo, e amadureça. Isso facilita também o nosso trabalho como educadores, pois conseguimos, por meio dos mecanismos da escola, alcançar esses problemas e intervir de forma mais efetiva. (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025)

Essa fala evidencia o que Dias (2018) define como “letramento de reexistência”: a capacidade do Hip-Hop de resgatar memórias corporais, ancestrais e territoriais, permitindo que jovens das periferias desenvolvam formas alternativas de se expressar, resistir e existir dentro da escola; quando o professor Hermes narra que os egressos que se apresentaram no FERA como estudantes, retornaram como oficinairos, formando novas gerações, ele está testemunhando o Hip-Hop como prática pedagógica contínua e emancipadora. A professora Regina também compartilha essa visão, enfatizando o impacto do Hip-Hop na percepção que os estudantes têm de si mesmos:

Quando o Hip-Hop aparece, assim como o funk, ele chama muito a atenção das crianças. Porque elas conseguem perceber que é um trabalho que vai além daquela concepção religiosa ou preconceituosa que muitas vezes carregam. [...] 'Nossa, olha o que eu consigo produzir com o meu corpo!', 'Olha do que a gente é capaz!' (KUVADA, 2025).

Essas falas mostram que o Hip-Hop tem o potencial de despertar nos jovens uma consciência corporal, estética e crítica. Como a professora Regina ressalta, ele rompe com os preconceitos internalizados e convida os estudantes a experimentar a

potência de seus próprios corpos como forma de linguagem e criação. Isso se alinha ao que Frederico (2013) propõe ao analisar a expressividade da periferia como resposta às desigualdades estruturais. Assim, o Hip-Hop não é apenas acolhido como uma ferramenta pedagógica: ele é validado como um campo legítimo de conhecimento, reconhecido por educadores que, em sua prática, identificam nessa cultura um caminho possível para o empoderamento, a transformação social e o fortalecimento das juventudes. A pedagogia Hip-Hop, nesses relatos, deixa de ser uma teoria distante e se materializa nas relações cotidianas, nas oficinas, nas apresentações e, sobretudo, nas escutas e presenças sensíveis dentro das escolas.

3. “A escola também é nossa”: sobre pertencimento e identidade juvenil

Entre os efeitos mais profundos provocados pelo FERA e pelo FERA com Ciência está a transformação simbólica da relação dos estudantes com a escola e com a sua própria identidade. A experiência de viajar para participar desses festivais foi apontada como um fator mobilizador central, especialmente para estudantes oriundos de comunidades isoladas ou periféricas. Tanto o professor Hermes quando a professora Regina destacam como esse deslocamento geográfico possibilitou aos jovens um duplo movimento: a ampliação do olhar sobre o mundo e, ao mesmo tempo, o fortalecimento de seus referenciais locais.

A professora Regina relata que muitos de seus alunos sequer conheciam o centro da própria cidade. A possibilidade de sair desse espaço restrito e se apresentar em outro município era vivida como uma oportunidade rara e estimulante:

A experiência de sair do seu espaço habitual é algo muito marcante. [...] A vida de muitos alunos se resumia a esse ciclo: igreja, casa, escola. Então, quando surgiu algo que quebrava essa rotina, foi muito especial. (KUVADA, 2025).

Já o professor Hermes oferece um exemplo simbólico desse fenômeno, ao descrever a viagem de alunos das Ilhas do litoral para a capital do estado, Curitiba:

Quando fui com os alunos da Ilha para o FERA com Ciência, em Curitiba, ficamos hospedados em uma escola no bairro Água Verde, o Lysímaco. Foi uma viagem longa de ônibus até lá, e ver aquelas crianças — vindas de uma realidade totalmente diferente — em contato com outras crianças, de outros espaços, foi muito marcante. Eu lembro como eles achavam engraçado quando os outros não sabiam o que era um peixe, ou o que era uma pesca. Esse tipo de interação acabou fortalecendo ainda mais a identidade deles. Achei bonito, porque em nenhum momento se sentiram

diminuídos, chamados de caipiras ou algo assim. Pelo contrário: se sentiram mais valorizados e fortalecidos por aquilo que sabiam. (GOLDENSTEIN JÚNIOR, 2025)

Essa vivência ilustra, na prática, uma noção complexa de formação cidadã. O contato com o “outro” - com o diferente - não apaga a identidade de origem, mas a reforça. O exercício da alteridade permitia reconhecer o valor de seus próprios saberes, construir um pertencimento mais consciente e afirmativo. Esse processo está intimamente ligado à proposta de Paulo Freire (1987), como prática pedagógica comprometida com a valorização da cultura e da realidade dos educandos e como ponto de partida para a aprendizagem e a transformação social.

Nesse sentido, o FERA não apenas proporcionou uma vivência educativa ampliada, mas também possibilitou o fortalecimento de um sentimento de pertencimento escolar; a professora Regina descreve esse impacto de forma tocante: “Percebe-se que, realmente, o aluno começa até a gostar mais da sua escola. Ele começa a ter amor por aquele espaço que está tentando ajudar ele a ser alguém”.

Esse sentimento de pertencimento foi tão forte que, segundo a professora Regina, deixou marcas que se expressaram politicamente anos depois¹⁰:

Posso dizer — sem medo de errar, mesmo que seja uma percepção pessoal — que, entre 2004 e 2016, vivemos um período em que a juventude estava muito mais presente. Lembro bem que, em 2016, quando vimos os estudantes ocupando escolas, aquilo me marcou profundamente. Pensei: ‘Poxa, tem muita gente ali, naquela ocupação, que é cria daquele momento que vivemos no FERA’. E senti que precisava defender aquilo. ‘Eu tenho que defender isso aqui. Tenho que defender essa história. Isso aqui é meu. Isso aqui também é meu.’ Porque essa não é uma construção do governo ou de qualquer governo. É uma construção nossa, da comunidade. E nós também fizemos parte daquele momento da ocupação. (KUVADA, 2025)

O FERA, nesse contexto, ultrapassa seu caráter de evento e se consolida como uma experiência educativa profunda, capaz de gerar vínculos, identidade e participação ativa. Ao reconhecer a escola como um espaço também da comunidade e das juventudes, os estudantes passam a defendê-la, transformando-a em território de luta e de pertencimento coletivo. Essa dimensão afetiva e política do vínculo com

¹⁰ A fala a seguir se refere ao movimento estudantil de ocupações de escolas no estado do Paraná, ocorrido no ano de 2016, em resposta à Medida Provisória 746/2016, que propunha reformar o ensino médio, e da Emenda Constitucional n.95/2016, conhecida à época como “PEC do congelamento dos gastos”.

a escola é rara nos modelos educacionais atuais, pautados por metas e avaliações padronizadas. Contudo, como demonstram os relatos dos professores e os referenciais teóricos como Paulo Freire (1987), é justamente essa relação de pertencimento que fundamenta uma educação verdadeiramente transformadora, onde o conhecimento se constrói a partir da articulação entre conhecimentos escolares e da cultura dos sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como a pedagogia Hip-Hop se manifesta na prática escolar e quais efeitos ela produz nas relações entre juventude, identidade e escola, a partir da escuta de educadores que vivenciaram os projetos FERA e FERA com Ciência no litoral do Paraná. Por meio da análise das entrevistas com os professores, foi possível observar que o Hip-Hop, quando presente de forma institucionalizada e integrada às ações pedagógicas, como nos eventos mencionados, se mostrou uma ferramenta poderosa na construção da cidadania, da identidade cultural e do sentimento de pertencimento por parte dos estudantes.

O Hip-Hop, nas experiências relatadas, ultrapassou a condição de linguagem artística para assumir o papel de cultura formadora, gerando espaços de escuta, expressão e fortalecimento da cidadania. A presença dessa manifestação dentro do FERA ressignificou a relação dos jovens com a escola, transformando-a em território de expressão e afeto. Como destacou o professor Hermes, o Hip-Hop ajudava os estudantes a “sair do seu claustro”, promovendo o desenvolvimento para além dos potenciais cognitivos, mas também físicos, afetivos, culturais e psicológicos (NONATO e DAYRELL, 2016), bem como seus vínculos sociais. A professora Regina, por sua vez, apontou como a descoberta do próprio corpo como linguagem foi central para despertar nos alunos o orgulho e o desejo de pertencer à escola.

Outro ponto central revelado pela pesquisa é o potencial do FERA como iniciativa que abre caminhos para uma educação intercultural (CANDAU, 2008). Ao promover o encontro entre diferentes expressões culturais, possibilitar a circulação entre territórios e legitimar os saberes locais, o projeto questionou o modelo tradicional e homogêneo de escola. Como indicam os educadores entrevistados, o

FERA foi vivenciado como uma ruptura positiva, que dava visibilidade às juventudes e suas múltiplas culturas. Ao mesmo tempo, permitia que os estudantes tivessem contato com outros espaços e saberes, sem que isso implicasse na negação de sua identidade de origem. Pelo contrário, a alteridade reforçava a valorização de suas raízes.

As memórias do FERA, por isso, são constantemente evocadas em oposição ao modelo educacional contemporâneo. Os professores apontaram, de forma contundente, que a atual política de educação no estado do Paraná está marcada pelo tecnicismo, pela plataformização e pela obsessão por dados. Regina descreve esse cenário como um “massacre”¹¹, e afirma que “número não cria ator, número não cria ciência”. Hermes, por sua vez, critica o foco atual em “plataformas”, alegando que hoje “formamos crianças que respondem questionários”, enquanto o objetivo anterior era a formação humana integral. Assim, o FERA aparece, nas falas dos educadores, como uma memória-resistência, um contraponto simbólico a uma lógica educacional esvaziada de sentido, afetos e humanidade.

Ao evidenciar essas vozes docentes e suas experiências com a cultura Hip-Hop, esta pesquisa reafirma o potencial transformador de práticas educativas que dialogam com as culturas juvenis e periféricas. A concepção pedagógica que embasa essa articulação mostra sua concretude quando a escola reconhece, acolhe e valoriza os saberes e vivências dos seus estudantes. Em um contexto de crescentes retrocessos nas políticas públicas de educação, retomar, registrar e valorizar essas memórias se torna também um ato político, uma forma de resistência e de esperança.

Mais do que uma simples lembrança nostálgica, o FERA representa um projeto de educação possível — e necessário —, que entende a escola como espaço de criação, não de reprodução, e os jovens como sujeitos históricos e culturais, capazes de transformar o mundo ao seu redor com suas vozes, seus corpos e sua arte.

¹¹ O termo usado pela professora não é exagero, sua fala antecipava as notícias que abalaram o estado e o país, poucos dias depois, registrando a perda de duas professoras da rede estadual do Paraná, Silvaneide Monteiro Andrade (em 30/05/2025) e Rosane Maria Bobato (em 05/06/2025), que morreram durante sua jornada de trabalho, nas escolas. Como manifestou a Anfope em relação ao caso: “A causa inegável de tanto sofrimento é o modelo de gestão educacional implementado, por meio de práticas de controle, de vigilância, de assédio, de desvalorização e de desumanização e, isso, tem sido a principal causa do adoecimento e até mesmo da morte de muitos professores” (Fonte: <https://appsindicato.org.br/morte-de-professora-dentro-de-escola-civico-militar-em-curitiba-gera-comocao-nacional-e-debate-sobre-adoecimento/>)

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Renata P.; ALVES, Natália. A Reforma do Ensino Médio e a Plataformização da Educação: expansão da privatização e padronização dos processos pedagógicos. **e-Curriculum**. v. 21, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/61619>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, interculturalidade:** as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 38, p. 45–54, 2008.

CARRANZA, Valentina; SIQUEIRA, Vera Helena F. de; SILVA, Marcell R. **O hip hop como pedagogia das juventudes:** encontro possível entre o multiculturalismo crítico, a pedagogia social e a educação popular. Revista Ibero-americana de Educação, n. 75, p. 45-68, 2017.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). **Juventude e ensino médio:** sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-134.

DIAS, Cristiane Correia. **Por uma pedagogia Hip-Hop:** o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica. 2018. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FONSECA, Gabriel de Lima. **Pedagogia Hip-Hop:** a cultura como ferramenta educacional. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FREDERICO, Celso. **Da periferia ao centro:** cultura e política em tempos pós-modernos. Estudos Avançados, v. 27, n. 78, p. 33–46, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOLDENSTEIN JUNIOR, Hermes. Entrevista concedida a Rhayssa Gonçalves. Paranaguá, 28 mai. 2025.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

KUVADA, Regina Helena Assumpção. Entrevista concedida a Rhayssa Gonçalves. Paranaguá, 26 mai. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

NONATO, Simone P.; DAYRELL, Juarez *et al.* Por uma pedagogia das juventudes. In: DAYRELL, J. (org.). **Por uma pedagogia das juventudes**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. **Música e política: percepções da vida social brasileira no Rap**. Dissertação. Pós-graduação em História. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

VIANA, Maria Luiza. Estéticas, experiências e saberes: Artes, culturas juvenis e o ensino médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 249-268.